

**Uma compreensão em torno da formação, prática e saberes dos historiadores educadores formadores de professores nos cursos de licenciatura em História no Estado do Ceará nos de 1980 a 2000**

Sheila Novais Rego \*

**RESUMO**

O presente texto tem como objetivo fazer uma compreensão sobre o papel do historiador educador formador de professores nos cursos de licenciatura em História no Estado do Ceará nos anos de 1980 a 2000. Busca por meio de uma cartografia mapear os percursos de formação, prática e saberes desses profissionais, que, em nosso entendimento assumem o papel de ser político e social prudente que visa o desenvolvimento do ser humano com base nos fins naturais, sociais e individuais. Portanto sua ação é a sua própria finalidade. Dessa forma, esse artigo ainda busca mostrar a face desses professores a partir de seus saberes em especial dos saberes experienciais ou específicos.

**PALAVRAS-CHAVE: HISTORIADORES – EDUCADORES – FORMADORES**

**SUMMARY**

The present text has as objective to make an understanding on the paper of the historian formador educator of professors in the courses of licenciatura in History in the State of the Ceará in the years of 1980 the 2000. Search by means of a cartography to mapear the passages of formation, practical and to know of these professionals, who, in our agreement assume the role of being cautious social politician and who aims at the development of the human being on the basis of the natural, social and individual ends. Therefore its action is its proper purpose. Of this form, this article still searches to show the face of these professors from its to know in special of knowing specific experienciais to them or.

**WORDS KEY: HISTORIANS - EDUCATORS - FORMADORES**

Com a crise do regime militar e o advento de possibilidades na redemocratização da realidade brasileira, no final dos anos de 1970, houve necessidade de mudanças no ensino de História. Durante a abertura política, ao longo dos anos de 1980, o Ensino de História, segundo Horn (2006), ainda que integrado ao conteúdo de Estudos Sociais<sup>1</sup>, passou novamente a possuir autonomia nos planos curriculares, pois recomeçou a se discutir o objeto da História, uma vez que a perspectiva presente nos currículos estava ainda fortemente influenciada pela temática do viés positivista do século XIX.

---

\* Graduada em Pedagogia, especialista em Metodologia do ensino de História e mestre em educação na linha de formação de professores da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

<sup>1</sup> Foi introduzido na educação em todo o país em 1971 através da Lei 5.692, as matérias provinham da Geografia Humana, da Sociologia, da Economia, da História e da Antropologia Cultural construindo assim as “Ciências Morais” – explicavam o mundo capitalista organizado segundo o regime democrático norte-americano (BITTENCOURT, 2004, p.74).

Somente no século XX teóricos e intelectuais franceses, como Marc Bloch e Lucien Febvre, da chamada Escola dos Annales<sup>2</sup>, reestruturaram a História, em que, “*o homem não é só sujeito, consciente, livre, potente criador da história; ele é também, e, em maior medida, resultado, objeto, feito pela história*” (REIS, 2000, p. 21). O tempo histórico novo rejeita a hipótese do progresso, pois essa idéia implicaria a apreensão da História como a realização de certos valores característicos de um mundo moderno dominado pelo materialismo.

As reformulações ocorridas nos anos de 1980 e 1990 foram, sem dúvida, importantes para a educação e em particular para o Ensino de História. A disciplina História já não poderia ser mais a mesma desde sua constituição no século XIX, pois, estava ocorrendo “uma nova ordem mundial”, quando o desenvolvimento dos países dependia de novas articulações e de submissões a essa nova ordem. Novos valores foram determinando um outro modelo de Estado que fortalecia as empresas privadas e financeiras.

Esse contexto nos mostra que à sociedade cabe ser educada para viver de acordo com as novas regras impostas pelo sistema, o qual denominamos “globalizado” e que exige dessa sociedade domínio mais amplo do conhecimento e uma formação com base em valores críticos. No entanto, formação de espírito crítico não significa, todavia, necessariamente, levar alunos a posições ideológicas extremadas, mas capacitá-los a discernir as várias linhas e correntes de interpretações, que se podem dar aos fatos históricos, em seus devidos contextos, e, então, permitir aos discentes realizar suas escolhas políticas, sociais, econômicas e culturais, pois, a educação não é neutra e no fundo, embute a idéia segundo a qual a História deveria ser desenvolvida com assunto em uma linha ideológica vinculada à realidade social, da qual são ou não vítimas vastas parcelas da população brasileira e mundial.

Dessa forma, o professor de História entra nessa trama como o sujeito que tende a fazer essa ponte entre a História ensinada e a História discursiva e reflexiva. Assim entra em destaque a figura do historiador educador, pois, o professor é um dos elementos mais importantes em um projeto educacional: “*Este supostamente domina o saber, e a educação realiza-se através do seu trabalho no nível de planejamento e execução do processo de ensino, sendo investido de autoridade institucional*” (FONSECA, 2006, p. 25).

As teorias da educação buscam cada vez mais aperfeiçoar os métodos de ensino-aprendizagem, porém, o professor continua sendo a figura central deste universo. Esse

---

<sup>2</sup> Movimento intelectual ocorrido em 1929 na França, idealizado por Marc Bloch e Lucien Febvre, que renovaria a estrutura teórica e metodológica da História, tornando-a interdisciplinar, juntamente com outras ciências sociais.

professor educador passa a ser responsável também pela formação de novos sujeitos, participantes ativos de uma sociedade e em busca constante de um desenvolvimento pessoal, histórico na formação do indivíduo.

Assim, o papel da formação vai além do ensino, pois envolve a capacidade de criar espaços de participação, formação e reflexão, a fim de que os indivíduos aprendam e se tornem capazes de lidar com as dificuldades e mudanças que surgirem. Portanto, é imprescindível a formação de um profissional docente prático-reflexivo, dotado de conhecimentos, habilidades, saberes diferenciais e, principalmente, capaz de refletir sobre o próprio exercício.

Compreender o exercício profissional de cada indivíduo é conhecer as relações entre as pluralidades que atravessam a vida de cada um, pois, *“Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações”* (MOITA, 2000, p. 115).

A discussão em torno da formação do professor é, sem dúvida, um assunto atual e preocupante ao mesmo tempo, pois os debates sobre o assunto são os mais diversificados possíveis, tratando desde a formação profissional à subjetividade do sujeito, como também temos relacionados ao seu campo de atuação.

Em primeiro lugar, reconhecer que os professores de profissão são sujeitos do conhecimento é reconhecer ao mesmo tempo, que deveriam ter o direito de dizer algo a respeito de sua própria formação profissional, pouco importa que ela ocorra na universidade, nos institutos ou em qualquer outro lugar (TARDIF, 2002, p.240).

São esses mesmos professores, pois, que têm o poder de formar pessoas e que, ao mesmo tempo em que têm esse poder, possuem competência para fazê-lo, bem como para atuar na sua própria formação e para controlá-la.

A constituição de uma formação profissional transpassa, afeta e é afetada pelas outras experiências vividas por qualquer ser humano. A vida se constitui como um amálgama em que é difícil separar o que chamamos de formação, práticas profissionais ou saberes constituídos no exercício da labuta diária. O que podemos fazer é ouvir do que exercita a vida, a constituição de uma separação do que se pode chamar de percursos de formação, de constituição de saberes e práticas profissionais.

O ensino de História a cada dia, de modo especial, a partir da última década do século XX, ganha relevância como área de pesquisa, e já ocupa o pensar e produzir de muitos educadores e historiadores, que se reflete nas programações de Encontros Regionais e Nacionais da ANPUH. Em tais eventos, assuntos diversos focalizam tanto a produção Historiográfica, quanto as experiências e pesquisas desenvolvidas no âmbito do Ensino de

História. Assim, a presente tentativa de pesquisa debruça o olhar sobre a importância que a área do Ensino de História vem assumindo tanto na área educacional quanto na historiografia brasileira.

Entendemos ainda que o historiador educador formador de professores assume o papel de ser político e social prudente que visa ao desenvolvimento do ser humano com base nos fins naturais, sociais e individuais desse ser. Sua ação é a sua própria finalidade.

Dessa forma, os saberes docentes tornam-se fundamentais no processo de ensino e aprendizagem. Para Tardif (2002), esses saberes são sociais e se caracterizam como o conjunto dos processos de formação e de aprendizagem elaborados por uma sociedade com o objetivo de instruir seus membros. Para ele, o saber é social porque é partilhado por todo um grupo de agentes, tais como os professores que por causa da estrutura coletiva de seus trabalhos, estão condicionados a recursos comparáveis, entre os quais programas, matérias a serem ensinadas, regras.

São ainda, sociais pelo fato de seus objetos serem objetos sociais, ou seja, práticas sociais, “transformar os alunos, educá-los e instruí-los”. O saber é social por ser adquirido no contexto de uma socialização profissional, em que é incorporado, modificado e adaptado, em função dos momentos de uma carreira, no caso do professor, um processo em constituição ao longo de uma carreira profissional em que ele aprende a “dominar” o ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere.

Em suma, o saber dos professores é plural, compósito, heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber fazer bastantes diversos, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente (TARDIF, 2002, p. 18).

Para ele, a noção de “saber” ganha um sentido amplo que engloba conhecimentos, habilidades e atitudes, tais como os professores utilizam em seu cotidiano e espaço de trabalho com a finalidade de assumir as suas funções e que são cobrados no exercício do magistério, trata-se de saber ao longo da experiência de vida desse profissional e considerado como um saber experiencial. Assim,

A ação educativa sempre se revestiu de uma grande complexidade e de margens significativas de imprevisibilidade, bem como a democratização do acesso às mais variadas tecnologias de informação e comunicação. Contudo os professores devem estar cada vez mais preparados para enfrentar as interpelações que surgem na sala de aula. A definição da consciência e da responsabilidade profissional não se esgota no ato técnico de ensinar, mas, prolonga-se no ato formativo de educar. Dessa forma, o ensino universitário, em particular o

ensino de História, constitui um processo de busca, de construção científica e de crítica ao conhecimento produzido, ou seja, ao seu papel na construção da sociedade, propiciando ao aluno certa autonomia progressiva na busca desse conhecimento.

Assim, os saberes docentes bem como a prática torna-se lócus da formação dos historiadores educadores que buscam uma educação pautada no diferencial da construção da cidadania e, para tanto, suas experiências vividas são fundamentais para a construção desse papel profissional. Entendemos que as experiências de vida e o ambiente sociocultural são elementos importantes para identificar quem somos e como agimos, ou seja, como concebemos nossa prática, “*o estilo de vida do professor dentro e fora da escola, as suas identidades e culturas ocultas têm impacto sobre os modelos de ensino e sobre a prática educativa*” (GOODSON, 2000, p. 72).

A educação abre espaço para uma transmutação nos espaços de formulação dos saberes, que é fruto de uma nova compreensão do desenvolvimento do saber humano. A formação em massa e outras ações pedagógicas do início do século XX são questionadas em virtude das peculiaridades individuais do desenvolvimento cognitivo. O olhar e a percepção de cada indivíduo possuem uma relação direta com o passado de cada pessoa, com sua trajetória de vida, os significados que esta constituiu ao longo de sua vida sobre cada situação.

Normalmente, quando nos referimos a prática docente, somos impelidos, inicialmente, a fazer referências aos espaços de aplicação de saberes provenientes da teoria, apesar dos recentes esforços, por parte dos estudiosos desse assunto, em promover uma articulação entre ambos, pois “*O aprender contínuo é essencial se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente*” (NÓVOA, 2002, p. 23). Segundo Libâneo (2003), a educação ou prática educativa é um fenômeno social e universal necessário ao funcionamento de todas as sociedades.

O ser humano por meio da ação educativa torna-se capaz de estabelecer relações ativas e transformadoras com o meio social onde convive. Tais influências se manifestam em conhecimentos, experiências, valores, crenças e costumes, transmitidos e assimilados por várias gerações. Com efeito,

A educação compreende os processos formativos que ocorrem no meio social nos quais os indivíduos estão envolvidos de modo necessário e inevitável pelo simples fato de existirem *socialmente*; neste sentido, a prática educativa existe numa grande variedade de instituições e atividades sociais decorrentes da organização econômica, política e legal de uma sociedade, da religião, dos costumes, das formas de convivência humana (LIBÂNEO, 2003, p. 17).

Dessa forma, a aula de História se traduz em um momento em que, ciente do seu conhecimento, o professor tem o poder de oferecer aos alunos a apropriação desse conhecimento histórico. Segundo Schmidt (2001), o professor de História pode ensinar ao aluno formas de adquirir instrumentos de trabalho do saber/fazer. Cabe a ele ensinar aos alunos maneiras de levantar problemas e questioná-los, ou seja, transformar em cada aula temas em problemáticas.

No trabalho docente, estão presentes interesses de toda ordem – sociais, políticos, econômicos, culturais, teóricos e disciplinares - carregadas de significados que constituem a dinâmica das relações sociais. A ação educativa está interligada à experiência de vida do professor, bem como a sua identidade. Tal ação pode ocorrer em qualquer espaço social, especialmente na escola, local específico de atuação profissional e política do professor, já que a escola é a instituição que tem como objetivo assegurar aos alunos domínio de conhecimentos e habilidades, desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e pensamento crítico.

Assim sendo, o professor é alguém que faz parte de um grupo social e profissional cuja existência depende do seu poder de dominar, integrar e mobilizar diversos saberes, entre eles, os saberes disciplinares, curriculares e principalmente os experienciais como condições para a sua prática. *“O poder como capacidade ou habilidade que cada um tem de modificar, destruir, usar coisas e recursos e poder como capacidade que cada um tem em comunicar informações”* (VEIGA NETO, 2005, p. 147).

Tardif (2002) apresenta os saberes disciplinares como saberes sociais definidos e selecionados pela instituição universitária *“integram-se igualmente à prática docente através da formação (inicial e contínua) dos professores nas diversas disciplinas oferecidas pela universidade”* (TARDIF, 2002, p. 38). Tais saberes correspondem aos diversos campos do conhecimento dispostos em nossa sociedade, tais como se encontram hoje integrados nas universidades sob a forma das disciplinas, nas faculdades em cursos distintos.

Os saberes curriculares correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos, em que as instituições escolares categorizam e apresentam os saberes definidos por ela como modelos de saberes da cultura erudita e de formação dessa cultura. Apresentam-se sob a forma de programas escolares que os professores devem aprender e aplicar.

Os saberes experienciais são saberes específicos da ação docente, baseados no trabalho cotidiano e no conhecimento do meio onde os professores vivem. Tais saberes se constituem

das experiências e são por elas validados, incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus*<sup>3</sup> e de habilidades de saber/fazer e de saber/ser.

Há alguns anos os estudos sobre educação pautados em uma perspectiva histórica vêm ocupando importante espaço no cerne das discussões acadêmicas. Nesse sentido, a perspectiva sócio-histórica, tendo a História Nova como referência, expressa em seus métodos uma visão dialógica em que nós, como pesquisadores, não podemos apenas contemplar o sujeito, mas sim falar com ele, estabelecer um diálogo com ele e estudar o homem não só como uma unidade de corpo e mente, mas como ser biológico e social membro da espécie humana e participante do processo histórico.

Os contextos elaborados por meio dos discursos nos quais a trama da História se processa compõem uma série de fatos, em relação aos quais um acontecimento adquire sentido, pois, na História, todos os fatos são passíveis de abordagem nas suas narrativas, mas seus significados vão depender da trama e da interpretação realizada.

Segundo Veyne (1998), a organização dos fatos numa narrativa lhes atribui uma importância relativa e é nesse sentido que a História também pode ser chamada de “trama”.

Uma mistura muito humana, e muito pouco científica de causas materiais, de fins e acasos; de um corte de vida que o historiador tomou segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa. (...) A palavra trama tem a vantagem de lembrar que o objeto de estudo do historiador é tão humano quanto um drama ou um romance (ou um filme). Essa trama não se organiza, necessariamente, em uma seqüência cronológica: como um drama interior, ela pode passar de um plano para outro; (VEYNE, 1998, p. 28).

Veyne acentua que as tramas da História são tantas quantas forem os itinerários traçados para abordar a realidade. Os itinerários se definem pelas questões formuladas pelos historiadores, pois a História não pode ser descrita na sua totalidade e “nenhum desses caminhos é o verdadeiro ou é a História”. (1998, p. 30). A atenção do historiador, ainda segundo o autor, vai se voltar para um fato, conforme a trama escolhida.

## BIBLIOGRAFIA

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas – SP. 5ª edição: Papirus, 2006.

---

<sup>3</sup> O conceito de *habitus* foi desenvolvido por Pierre Bourdieu, com o objetivo de pôr fim à antinomia indivíduo/sociedade dentro da Sociologia estruturalista e está relacionado com a capacidade de uma certa estrutura social ser incorporada por seus agentes com disposição própria para sentir, pensar e agir.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

GOODSON, Ivor F. **Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional** in NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Porto- Portugal : Porto editora, LDA, 2000.

HORN, Geraldo Balduino, GERMINARI, Geysa Dongly (orgs). **O Ensino de História e seu Currículo – Teoria e Método**. Petrópolis –RJ: Editora Vozes, 2006.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos velhos na Polifonia Urbana**. Fortaleza-Ceará: Imprensa Universitária, 2003.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 5ª. edição. São Paulo :Martins Fontes, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos.**Didática**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINHO RODRIGUES, Rui. **Pesquisa acadêmica: como facilitar o processo de preparação de suas etapas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de formação e de trans-formação** in NÓVOA, António. **Vidas de Professores**. 2ª. edição. Porto- Portugal: Porto Editora, 2000.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: A Inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora in BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VEIGA NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 2ª ed. Belo horizonte: Autêntica, 2005.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Ed. UnB, 1998.